



MUSEU DE ARTE, ARQUITETURA E EVENTOS NO CONTEXTO DA CIDADE GLOBALIZADA.

Autor: Naiane Geize da Silva Teixeira

Orientadora: Amanda Santos Vargas

Curso: Arquitetura e Urbanismo Período: 9º período

Área de Pesquisa: Arquitetura Institucional.

Resumo: A pesquisa tem como foco avaliar a inserção de museus de arte, arquitetura e eventos nas cidades de médio porte, para que através de sua utilização o mesmo possa ser um agente modificador da realidade local e também possa conscientizar as pessoas sobre importância da utilização de arquitetura como instrumento de melhoria dos espaços. O artigo apresenta consultas bibliográficas a autores de referência que expõe o papel da arquitetura desde os primeiros homens, lembrando sobre a estrutura vitruviana que a classifica por sua solidez, utilidade e beleza e mostrando o papel do arquiteto como um importante pilar para a disseminação dos feitos realizados por meio de formas adequadas de utilizar arquitetura. O estudo dessa influência é compreendido por estudo de caso de uma cidade onde ocorreu mudanças nos quadros econômicos /culturais mediante à revitalizações feitas em áreas degradadas que usaram museus como uma das ferramentas de requalificação do espaço e expansão da cultura local e global. Com isso, conclui-se que seria válida a implantação de um museu de arte e arquitetura e eventos na cidade de Manhuaçu- MG, fazendo com que essa implantação influencie um resgate cultural regional e a insira no mercado globalizado.

Palavras-chave: Centro cultural; Pavilhão de eventos; Resgate cultural; Globalização.

1. INTRODUÇÃO

Arquitetura é uma arte que não é possível ser evitada. Todos os dias, em todas as formas e em todos os lugares o ser humano está rodeado por ela. No dia-a-dia as pessoas podem optar por não escutar uma música, ou não entrar em uma galeria de arte para apreciar uma escultura, porém a arquitetura se faz presente em todo tempo, pois é usada como abrigo, proteção, lar, entre outras coisas. É notório que além desses usos comuns pode-se classificar arquitetura como um patrimônio cultural palpável, muitos registros físicos e das atividades humanas existentes foram entendidos a partir da mesma (ROTH, 1993).

Em complemento, o autor Silvio Colin (2000), explica que arquitetura é compreendida por meio de três pontos principais: pelo significado da palavra arquiteto, que, traduzida do grego, faz alusão a um carpinteiro que construía objetos por junção de peças ou por uso de técnicas, como uma profissão, que é citada como curso superior, onde é fácil compreendê-la por suas atribuições acadêmicas e, em terceiro como elemento cultural, pois muito do que se sabe sobre a sociedade passada foi encontrado por meio das análises feitas da arquitetura desses antepassados; com isso é possível identificar seus problemas, valores, importância, e o grau de técnicas empregadas na época.

De acordo com Theo J. M. e Herman B. R. (2013), arquitetura tem sido associada a três pontos: forma, função e tecnologia. Essas qualidades a ela empregadas vêm desde Vitruvius, quando ele designou três elementos para nortear o princípio da arquitetura: a solidez, utilidade e beleza. A solidez faz referência à parte estrutural da edificação. A utilidade é proposta através dos espaços que serão criados. E a beleza refere-se à preocupação estética do projeto. Com isso identifica-se que há uma concordância sobre a forma de entender o processo da arquitetura. Em acréscimo, o autor Silvio Colin (2000), traz o pensamento de Vitruvius sobre o significado de arquitetura, de que ela não podia ficar presa em apenas uma coisa, pois as formas arquitetônicas têm vocação para representar inúmeras coisas diferentes.

A globalização, segundo Saskia Sassen (1999), exigiu que as cidades promovessem espaços para convenções, exposições, feiras especializadas de negócios. Esses espaços são geralmente pensados em função da logística para receber pessoas de diferentes locais do mundo, com culturas muito diversas e promover negócios e intercâmbio cultural. A arquitetura desses espaços torna-se elemento fundamental nesse contexto, pois acolhe as pessoas e abriga todas essas importantes funções.

Os museus de arte e arquitetura e os pavilhões de exposição e eventos ao redor do mundo visam, além das funções de lazer e negócios, elucidar e tornar públicos a o repertório acerca da formação e evolução da sociedade e das diferentes culturas. Diante do exposto, indaga-se se os museus podem ser considerados uma ferramenta de fomento de arte/arquitetura na sociedade. Através disso, o objetivo da pesquisa como é de avaliar a inserção de museus de arte, arquitetura e eventos nas cidades, para que através de sua utilização o mesmo possa ser um agente modificador da realidade local e também possa conscientizar as pessoas sobre importância da utilização de arquitetura como instrumento de melhoria dos espaços.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. Referencial Teórico

2.1.1 Arquitetura como arte

A arquitetura é considerada uma das belas artes, classificada junto com a escultura, a pintura, a música, e o teatro (ROTH, 1993). Em complemento, Silvio Colin (2000), explica que existe uma diferença entre arquitetura e as demais, pois na maioria das vezes as artes são direcionadas a determinados grupos de pessoas, costumam ser públicos específicos para cada uma. É possível deixar de ter contato com determinado tipo de arte, por exemplo: trocando a música que está ouvindo em seu celular ou optando por ir ao cinema em um filme específico. Com a arquitetura é um pouco diferente, se na rua onde o observador passa todos os dias para ir trabalhar tem um prédio que não lhe agrada e o mesmo não tem outra opção de caminho, o contato acontece.

A palavra arte em latim significa *ars-artis*, que em grego é o mesmo que *techne*. Nesse caso, entende-se que nos tempos anteriores não se fazia diferenciação entre fazer algo belo ou algo técnico. Nos períodos que antecederam a Idade Média, a arte significava “a maneira correta de fazer uma coisa”. Essa diferenciação entre objeto artístico e objeto útil veio junto com a Revolução Industrial. Com isso é possível identificar a diferenciação da arquitetura e das outras artes através da técnica. Na música, na pintura ou na escultura a técnica é dependente, não está em primeiro plano. Na arquitetura a técnica já acontece ao contrário, a técnica vem antes da preocupação estética. Busca-se primeiro em aperfeiçoar a solidez estrutural, e depois o belo é pensado. Esse pensamento vem desde Vitrúvio, quando o mesmo designou três elementos para nortear o princípio da arquitetura: solidez, utilidade e beleza (ROTH, 1993).

De acordo com os autores Theo e Herman (2013), a forma que Vitruvius enxergava arquitetura era muito importante, pois para ele a mesma não podia se prender em apenas um significado, sua abrangência é muito grande para classificar-se como “isso” ou “aquilo”. Primeiramente ele percebeu que as formas arquitetônicas conseguem formar diferentes coisas, se distinguindo daquilo que foi planejado, tendo para cada pessoa um significado diferente, criando uma linguística estrutural. O mesmo determina que tudo que for construído em relação a arquitetura é necessário ser sólido, útil e belo. Para proporcionar a solidez da edificação, resistir as adversidades e ser durável é necessário que haja durabilidade dos materiais e excelência técnica, mediante a isso o edifício consegue preencher os requisitos que lhes foram destinados. O sistema estrutural não fica isolado dos demais sistemas. É fundamental a integração do mesmo para que ao observar não seja capaz de diferenciar onde um inicia e o outro termina. Com isso a estrutura que dá a forma para a edificação. E por fim, a utilidade trata da forma correta de dividir os espaços, podendo assim atender todos os que por ali passarem.

Na maioria das vezes, as atividades humanas demandam de edificações específicas para sua melhor acomodação. Por mais que um mesmo lugar pode dividir-se entre casa e comércio, é necessário que cada um tenha sua forma de utilização específica e separada, para melhor atender o usuário. Ao iniciar um projeto é necessário

que haja preocupação também com a parte estética. Em arquitetura não se elabora somente edifícios sólidos ou funcionais, é primordial que o edifício seja belo, para assim fazer com que o observador contemple e sinta o que foi criado. Em determinada obra é possível entender sua função através dos seus elementos estéticos, pois um completa o outro, porém o autor também explica que nem toda a edificação pode ser considerada como arte. Para ser denominada como tal, é necessário entender que além da qualidade dos materiais ou de sua estrutura sólida e funcional, o edifício tem o dever de levar o espectador a contemplar suas formas, seu jogo de luzes e de sombras, seus cheios e vazios, suas texturas, sua interação com ambiente, suas cores, suas formas que transmitem leveza ou rigidez. É necessário que todos esses componentes estejam unidos e perceptíveis, para que o observador seja levado a se emocionar da mesma forma que ao ouvir uma música. Dessa forma a edificação pode ser considerada como arte (COLIN, 2000).

Além de todos seus atributos artísticos ou não artísticos, a arquitetura também tem uma grande importância histórica, pois alguns registros encontrados sobre a humanidade vieram através da mesma. Sendo assim é possível considerá-la como um patrimônio cultural, onde são encontradas respostas dos antepassados da humanidade (ROTH, 1993).

2.1.2 Arquitetura como patrimônio cultural

A arquitetura é uma forma de representar fisicamente as crenças, os costumes, os valores e os pensamentos humanos desde a aparição dos primeiros homens. A partir de então, sua finalidade vai além do funcional, abrigando necessidades psicológicas e fisiológicas dos que a utilizam. Para introduzir sobre este assunto, é preciso voltar ao começo, onde é possível encontrar os registros que falam sobre as culturas dos mesmos, época que havia um grande respeito pelos mortos e também um grande encanto por quem eles foram e o que fizeram. Mediante a isso e a vida nômade levada pelos homens, o autor também explica que os mortos foram os que primeiro receberam um lugar fixo, havia uma necessidade de se ter um lugar para que eles pudessem ficar e serem lembrados. Esses lugares eram cavernas conhecidos como uma elevação tumular coletiva (ROTH, 1993).

Por meio das descobertas dos primeiros homens, o menir, a caverna e a cabana foram considerados os primeiros elementos arquitetônicos encontrados, onde o menir era um objeto vertical enterrado no chão que não era habitável e sim usado como símbolo cultuado pelos povos. Muitas vezes até as árvores tinham a mesma função do menir, apesar de não ser considerada arquitetura por ser algo natural e não construído, porém quando inserida na paisagem ajuda nessa função. Também, a caverna sendo um objeto natural não era considerada como tal, porém era usada como abrigo ou como túmulo, trazendo assim uma função arquitetônica. Assim, a cabana foi o primeiro elemento construído pelos homens (PEREIRA, 2005).

O autor em complemento faz uma citação de um trecho do livro de Marc-Antoine Laugier que traduzido para o português significa “O ensaio sobre arquitetura”, que menciona a forma que o primeiro objeto considerado como arquitetura foi imaginado:

O homem quer construir um abrigo que o proteja sem soterrá-lo. Uns galhos caídos na floresta são os materiais apropriados para seus propósitos. Escolhe quatro dos galhos mais fortes, os levanta perpendicularmente e os dispõe formando um quadrado. Em cima coloca outros quatro galhos atravessados e sobre estes levanta,



partindo de dois lados, outros galhos que, escorados uns contra os outros, se encontram na parte superior. Ele faz uma espécie de telhado com folhas, juntas o suficiente para que nem o sol nem a chuva possam atravessa-lo, e seu abrigo está pronto (ALONSO PEREIRA, J, R. 2005 apud LAUGIER, A, 1753, p. 107).

Na história da arquitetura é possível entender que um dos seus objetivos é de como servir aos seus usuários, como fazer para que os mesmos possam morar, trabalhar, e ter momentos de lazer, tudo isso de forma coerente com suas necessidades básicas. Além do seu contexto histórico a arquitetura tem sido definida através das funções atribuídas a ela como profissão, trazendo o arquiteto como um agente importante para definir seus parâmetros.

2.1.3 Papel desenvolvido pelo arquiteto e arquitetura como profissão

“O arquiteto deve ser visto como muito mais do que um projetista de edifícios. Seu maior papel é o de ser o delineador, o definidor e o registrador da história do seu tempo” (ROTH, L 1993 apud RASKIN, 1974).

Segundo Leland M. Roth (1993), na história da arquitetura é possível identificar o arquiteto desde o antigo Egito, onde o primeiro arquiteto mencionado iniciou suas primeiras construções em pedra. Nessa época o arquiteto tinha uma posição como a de um sacerdote, pois era quem passava o conhecimento aos povos. Nos tempos gregos o significado adotado ao arquiteto mudou através da formação da palavra, onde aqui significava “chefe” e teto “artesão”. Mudando assim a concepção de que o mesmo era um sacerdote. No império Romano o arquiteto foi classificado com a mesma importância que a de um médico, pois na época pessoas que dominavam a técnica e a prática ficavam em destaque. Nesse período, o arquiteto atuante dizia que a arquitetura precisa tanto da prática e da teoria, através disso o mesmo fez uma listagem do que julgava ser importante para uma boa execução da mesma. O arquiteto aspirante deveria dominar:

Literatura e escrita, desenho gráfico, geometria, história, filosofia, música, medicina, direito e, também, astronomia – um currículo que ainda é, em grande parte, recomendado. Tudo isso era necessário, escreveu, porque arquitetos que se esforçaram em adquirir habilidades manuais sem erudição nunca foram capazes de atingir posições de autoridade correspondentes a seus projetos, enquanto aqueles que se apoiaram apenas em teorias e na erudição estavam obviamente perseguindo a sombra, não a substância (LELAND M. ROTH, 1993, p.108).

O autor Leland M. Roth (1993), continua a afirmar que nas cidades romanas a construções foram se organizando melhor a partir do momento que o governo começou a controlar, definindo funções para cada profissional e padronizando as formas de produzirem os materiais necessários para as obras. Fazendo desse modo, as formas de identificação das edificações da época eram mais rápidas e completas. Todas as técnicas utilizadas desde então tem sido aprimorada por meio de todas as especialidades adquiridas pelo homem com avanço tecnológico. Com isso, os arquitetos são capazes de criar, modificar, melhorar, otimizar, solucionar e atender todos os anseios desejados com a maior precisão. Desde o princípio foram determinadas atribuições ao profissional de arquitetura. Atualmente as atribuições profissionais do arquiteto e urbanista são as seguintes:

Supervisão, coordenação, gestão e orientação técnica; coleta de dados, estudo, planejamento, projeto e especificação; estudo de viabilidade técnica e ambiental; assistência técnica, assessoria e consultoria; direção de obras e de serviço técnico; vistoria, perícia, avaliação, monitoramento, laudo, parecer técnico, auditoria e arbitragem; desempenho de cargo e função técnica; treinamento, ensino, pesquisa e extensão universitária; desenvolvimento, análise, experimentação, ensaio, padronização, mensuração e controle de qualidade; elaboração de orçamento; produção e divulgação técnica especializada; e execução, fiscalização e condução de obra, instalação e serviço técnico (RESOLUÇÃO CAU/BR Nº21, DE 5 DE ABRIL DE 2012, p. 3).

Através desses contextos e dos demais estudados na história que fundamenta a arquitetura é possível afirmar a grande importância que o arquiteto e o desenvolvimento de sua profissão tem no meio social. Desde o princípio o homem tem planejado e construído seus espaços de forma que pudessem suprir suas necessidades básicas (OKAMOTO 2002). Com isso, é notório que por meio da evolução dos conhecimentos sobre arquitetura a relação entre o homem e os espaços também sofreram alterações.

De acordo Saskia Sassen (1999), a globalização foi um dos pilares dessas transformações, pois a mesma exigiu que as cidades criassem espaços onde o homem além de morar pudesse expandir seus conhecimentos. Através disso, foram criados lugares de convenções, exposições, entre outras coisas. Esses espaços, na maioria das vezes foram pensados para atender pessoas de diversas partes do mundo, fazendo com que a arquitetura do lugar fosse planejada para dar ao usuário um suporte diferenciado. Um exemplo desses espaços são os diversos estilos de museus espalhados ao redor do mundo, na maioria das vezes os mesmos não expõem somente as histórias das cidades, mas também oferecem espaços para eventos, são agentes importantes no desenvolvimento da economia local, entre outras funções.

2.1.4 O Museu e sua importância

“Uma instituição dedicada a buscar, conservar, estudar e expor objetos de interesse duradouro ou de valor artístico, histórico, etc.” (AURÉLIO, online 2019). Desde os antepassados é possível observar a existência de uma necessidade de preservação da memória do ser humano, entender o passado é importante para compreender o presente e descobrir formas de como conduzir o futuro.

A esse respeito MUNIZ (2018) declara:

O termo museu teve sua origem na Grécia antiga, nas palavras gregas ‘Mousa’ e ‘Mouseion’, templo das nove musas, ligadas a diferentes ramos das artes e das ciências, filhas de Zeus e Mnemosine, divindade da memória, sendo locais sagrados, reservados à contemplação e aos estudos científicos. Esses locais foram considerados como o primeiro museu, no qual era constituído de bibliotecas, jardim, observatórios, sala de leitura, entre outros ambientes. (p. 5)

De acordo com Ezequias Souza (200-?), no início a finalidade do museu era somente de preservar as memórias culturais, porém, ao passar do tempo o mesmo passou ser conhecido por oferecer as pessoas um espaço que desenvolve conexões entre a cultura e a ciência, um lugar onde é possível promover a preservação das diversidades sociais e também é possível introduzir no cotidiano diversos tipos de



debates, explorando sobre patrimônio cultural, comunicação, educação, entre outros. Por meio de seu acervo, arquitetura e espaços, o museu tem sido uma forma de mostrar como a sociedade tem se desenvolvido ao decorrer do tempo, tornando um lugar que expõe ao ser humano formas de alcançar conhecimento e explorá-lo. Por meio disso é possível compreender que os museus são importantes para transformação cultural do país e seu desenvolvimento.

2.2 Metodologia

A metodologia utilizada no presente artigo foi pesquisa bibliográfica de autores que tratam da importância da arquitetura como fundamental instrumento de melhoria de espaços e estudo de casos que retratam museus que foram projetados para ajudar explorar e preservar as culturas locais, além de ajudar no desenvolvimento da economia das cidades onde foram inseridos. Dessa forma o mesmo tem como fontes de pesquisas para seu desenvolvimento, artigos, livros, revistas, relatório e documentos que expõem a forma em que a arquitetura se desenvolveu e como tem sido utilizada desde que começou a ser denominada pelos primeiros homens e como hoje tem permitido a promoção da globalização. Com isso o artigo irá verificar a importância da implantação de um museu de arte, arquitetura e eventos com foco em modificar as realidades das cidades, conscientizando as pessoas sobre a importância da arquitetura como instrumento de melhoria de espaços e desenvolvimento social.

2.3 Análises e discussões

2.3.1 Estudo de caso – Museus

Análise de dois museus e a forma que ambos se relacionam com o usuário e o ambiente que estão inseridos. Entendendo seus funcionamentos, público e suas intenções. São eles: “Museu Guggenheim de Bilbao, localizado em Bilbao, Espanha e o “Museu de Arte, Arquitetura e tecnologia (MAAT)”, localizado em Lisboa, Portugal.

2.3.2 Museu Guggenheim de Bilbao

O museu Guggenheim foi projetado pelo arquiteto Frank Gehry em 1991 e inaugurado em 1997, (Figura 01). O mesmo está situado em Bilbao, Espanha. A intenção do projeto era de revitalizar a área portuária da cidade, considerada uma das principais fontes de renda da mesma, onde se encontrava muito degradada. A partir de sua inauguração, o museu mudou a perspectivas que as pessoas tinham sobre o lugar e alavancou a economia de Bilbao através do seu sucesso. A repercussão das mudanças econômicas da cidade foram tão grandes que a partir de sua inauguração foi aderido o termo “Efeito Bilbao” quando acontece grande feitos na economia de algum lugar (ARCHDAILY, 2016).

FIGURA 01: Museu Guggenheim de Bilbao



Archdaily ¹ (2019, online).

Frank Gehry criou uma obra de arte no meio da área industrial da cidade (Figura 02), trazendo um ar moderno ao local e misturando-se em meio a outras edificações modernas. O museu foi inserido entre uma das avenidas com mais fluxo da cidade e o rio. A sensação ao chegar ao local é de que o rio faz parte da edificação dando uma grande importância a ele (Figura 03). Características do local onde o museu foi inserido:

O terreno situa-se na extremidade norte do centro da cidade. Uma estrada e uma ferrovia estão ao sul, o rio ao norte, e a estrutura de concreto da ponte de la salve a leste. Criando uma conexão física tangível com a cidade, a edificação circula e é extrudada ao redor da Ponte de la Salve, criando um passeio fluvial e conformando uma generosa nova praça pública no lado sul do lote, onde a malha urbana termina. O edifício faz alusão às paisagens, a passagem estreita e o hall de entrada recordam um desfiladeiro, ou o uso de caminhos curvos e elementos de água em resposta ao Rio Nervión (ARCHDAILY, 2016).

FIGURA 02: Museu Guggenheim de Bilbao conexão com o entorno



Fonte: Fabia Fuzeti, 2018.

FIGURA 03: Museu Guggenheim de Bilbao e o Rio



Fonte: Archdaily² (2019, online).

Existem diversas formas de se orientar para entrar no museu, uma delas é o átrio central, considerado como o coração do museu, pois ele dá a direção das dezenove galerias existentes no local. O átrio divide as galerias em três níveis, onde são conectadas por passarelas, elevadores e escadas (ARCHDAILY, 2016). O edifício é uma mistura de formas, onde alguns blocos de pedra se misturam com curva de metal. Isso o faz destacar-se na paisagem ao redor, tornando um lugar extraordinário.

2.3.2 Museu de Arte, Arquitetura e tecnologia (MAAT)

O Museu de Arte, Arquitetura e tecnologia (Figura 04), teve seu projeto arquitetônico realizado pela arquiteta Amanda Levete. MAAT é um museu de arte, arquitetura e tecnologia contemporânea localizado em Lisboa – Portugal, que inaugurou em outubro de 2016, com intenção de refletir sobre temas e propostas atuais. O conceito aplicado pela arquiteta no projeto foi de criar um espaço público onde os visitantes estariam em contato com a área externa da edificação juntamente com os demais edifícios históricos ao redor (SEQUIN, 2016).

FIGURA 04: Museu de Arte, Arquitetura e tecnologia de Lisboa – MAAT



Fonte: Facebook Maat, (Online 2019).

O edifício foi construído às margens do rio Tejo, fazendo parte de um projeto de revitalização urbana ao longo da orla histórica, onde também estão localizados o Museu dos Coches e o Centro cultural de Belém, (Figura 05).

FIGURA 05: Localização do Museu de Arte, Arquitetura e tecnologia de Lisboa



Fonte: Google Maps¹, 2019.

O museu faz parte de um projeto de revitalização do local onde foi inserido. Nesse lugar, existia um muro de 14 metros que impedia a ligação da cidade e o rio. Através disso, o projeto criado por Amanda Levete teve a intenção de mudar esse quadro, sendo assim uma forma de conexão entre os dois lugares. Amanda fez do edifício um tipo de mirante, ampliando a visão do visitante e tirando a barreira que existia antes, (Figura 06). Toda a parte externa do museu e principalmente o mirante são de livre acesso ao público durante todo o dia. “Queríamos que tudo isto se tornasse um polo para as pessoas virem passar o tempo, de um lado e do outro”, conta António Mexia, que atualmente atua como CEO do grupo EDP responsável pelo museu.

FIGURA 06: Mirante do MAAT

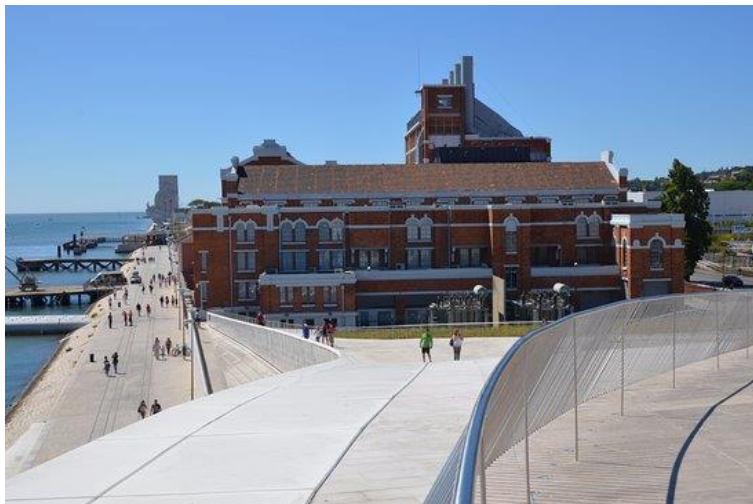


Fonte: António Cotrim/lusa, 2018.

O Maat conta com aproximadamente 38 mil metros quadrados contando com os espaços internos e externos. Uma dessas áreas inclui a Central Tejo, que foi um dos símbolos da arquitetura no século XX, que também participa da revitalização e começou

a ser usado como um espaço de exposição. A ligação desses espaços fica por conta de uma praça e por uma rampa que dá acesso ao terraço do MAAT que é usado também como mirante (Figura 07).

FIGURA 07: Conexão do MAAT com o Centro Tejo



Fonte: Antônio Cotrim/lusa, 2018.

Segundo o site JN, (2016), os dirigentes do local decidiram abrir algumas partes do museu um ano antes da grande inauguração, segundo o CEO António Mexia, eles tiveram dois motivos para trabalharem dessa forma: o primeiro foi para que as pessoas pudessem utilizar as áreas externas do local, pois no inverno suas vistas ficam limitadas, e o segundo motivo, foi para que a administração do local pudesse perceber o que funciona ou não nas diversas salas, podendo assim aperfeiçoar todo seu funcionamento e melhor atender os visitantes do museu.

2.3.6 Contexto de Manhuaçu-MG

Manhuaçu é um município localizado no interior do estado de Minas Gerais. Sua área de ocupação é de aproximadamente 628,318 km², sendo cortado pelas rodovias MG-111, BR-262 e BR-116. A cidade está localizada a 290 km de Belo Horizonte e 240 km de Vitória – ES (Figura 08). Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2018 sua população foi estimada em quase 90 mil habitantes. Atualmente existem poucos lugares onde se fomenta a cultura, um exemplo é a Casa de Cultura Municipal que contém registros históricos, porém não fica aberta todos os dias e é preciso que tenha horário marcado para atendimento.

FIGURA 08: Mapa de Manhuaçu em relação a Minas Gerais



Fonte: Google

Considerações finais

A pesquisa tem como foco avaliar a inserção de museus de arte, arquitetura e eventos nas cidades, para que através de sua utilização o mesmo possa ser um agente modificador da realidade local e também possa conscientizar as pessoas sobre importância da utilização de arquitetura como instrumento de melhoria dos espaços.

No decorrer dos anos os avanços tecnológicos, a globalização, o aumento da população, entre outras coisas, exigiram das cidades locais onde as pessoas pudessem desenvolver seus pensamentos e ideias, a partir disso foram criados espaços para convenções, exposições, feiras de negócios, etc. Um exemplo de uma dessas ferramentas são os museus de arte/arquitetura e eventos que estão espalhados ao redor do mundo e visam, além das funções de lazer e negócios, elucidar e tornar públicos a o repertório acerca da formação e evolução da sociedade e das diferentes culturas.

Mediante os temas abordados no artigo, identifica-se que ao inserir um museu de arte, arquitetura e eventos ou pavilhão cultural nas cidades, é possível modificar o quadro econômico das mesmas, trazendo resgate cultural, oportunidade de emprego para os moradores locais e das cidades vizinhas, oportunidade de abertura do local para o mercado global, destaque no meio urbano onde estão inseridas, além de outros benéficos.

4. Referência

6 curiosidades sobre o Guggenheim Bilbao. **Viva decora**, 2018. Disponível em: <https://www.vivadecora.com.br/pro/arquitetura/museu-guggenheim-bilbao/>. Acesso em 02 jun. 2019.

ALONSO PEREIRA, J, R. **Introdução à história da arquitetura: Das origens ao século XXI**. Porto Alegre: Editorial Revertè, S.A., Barcelona, 2005.



COLIN, S. **Uma introdução à arquitetura**. Rio de Janeiro: UAPÊ Espaço Cultural Barra Ltda, 2000.

COSTA, Andreia. Tudo que você tem que saber sobre o MAAT, o novo museu de Lisboa. **NiT**, 2016. Disponível em: <https://nit.pt/coolt/10-03-2016-tudo-o-que-tem-de-saber-sobre-o-maat-o-novo-museu-de-lisboa>. Acesso em 30 mai. 2019.

FUZETI, Fabia. **Bilbao Espanha vista mirador**. Disponível em: <https://estrangeira.com.br/o-que-fazer-em-bilbao-espanha-roteiro-e-dicas/bilbao-espanha-vista-mirador/>. Acesso em: 30 jun. 2019.

GOOGLE MAPS. **Bilbao, Espanha**. 2019. Disponível em: <https://www.google.com/maps/place/Museu+Guggenheim+Bilbao/@43.2686712,2.9362005,543m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0xd4e4fdede6031b5:0x508893b7cdaf6dad!8m2!3d43.2686712!4d-2.9340118>. Acesso em: 30 mai. 2019.

GOOGLE MAPS. **Lisboa, Portugal**. 2019. Disponível em: <https://www.google.com/maps/place/MAAT/@38.6958114,-9.1947959,72m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0xd1ecb4dd3e5f491:0xcb13504c19595bc4!8m2!3d38.6959278!4d-9.1944529>. Acesso em: 30 mai. 2019.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Dicionário Aurélio** online. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=AURELIO>. Acesso em: 27 mai. 2019.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades**. 2018. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/manhuacu/panorama>. Acesso em: 03 jun. 2019.

MAAT: Lisboa ganha um novo museu e miradouro sobre o rio. **JN**, 2018. Disponível em: <https://www.jn.pt/artes/galerias/interior/lisboa-ganha-um-novo-museu-e-miradouro-sobre-o-rio-5422046.html>. Acesso em 30 mai. 2019.

MUNIZ, RAQUEL. **Importância dos museus para a preservação da cultura, Hoje em dia, 2018. Disponível em: https://www.hojeemdia.com.br/opinião/colunas/raquel-muniz-1.456804/importância-dos-museus-para-a-preservação-da-cultura-1.625767. Acesso em 05 de Jun. de 2019.**

OKAMOTO, J. **Percepção ambiental e comportamento**. Visão holística da percepção ambiental na arquitetura e na comunicação. São Paulo: Editora Mackenzie, 2003.

ROTH, M, L. **Entender a arquitetura**: Seus elementos, história e significado. São Paulo: Editorial Gustavo Gili, SL, Barcelona, 2017.

SASSEM, S. **La ciudad global**: Nueva York, Londres, Tokio. Argentina: Universidade de Buenos Aires, 1999.



SEQUIN, Amanda. Museu de arte arquitetura e tecnologia é inaugurado em Lisboa. **Casa Vogue**, 2016. Disponível em: <https://casavogue.globo.com/Arquitetura/noticia/2016/10/museu-de-arte-arquitetura-e-tecnologia-e-inaugurado-em-lisboa.html>. Acesso em 30 mai. 2019.

THOMÉ, Ezequias. **Museu retrato uma sociedade**. Disponível em: <https://meuartigo.brasilescila.uol.com.br/educacao/museu-retrato-uma-sociedade.htm>. Acesso em: 05 jun. 2019.

VAN DER VOORDT, T.; VAN WEGEN, H. **Arquitetura sob olhar do usuário: Programa de necessidades, projeto e avaliação de edificações**. São Paulo: Oficina de Textos, 2013.